

A MORADA DE DEUS ENTRE OS HOMENS*

THE DWELLING OF GOD AMONG MEN

Jackson Câmara Silva**

Resumo

O Deus de Israel faz-se próximo de seu povo, relacionando-se com ele de forma pessoal, habitando no meio dele. Desse modo, este trabalho aborda a *Morada de Deus entre os homens*, de modo transversal na Bíblia. Partindo do Pentateuco, será apresentado o período da manifestação de Deus na caminhada do povo de Israel no deserto que parte do Sinai ao estabelecimento da "morada portátil", onde Deus se encontra com seu povo. Nisso, também serão analisadas as formas verbais de "habitar" e os termos que designam "morada" na língua hebraica, buscando uma melhor compreensão de seu significado. Em seguida, será apresentada a transição da morada de Deus para o Templo, sua forma sedentarizada e, posteriormente, para uma dimensão mais ampla independente do Templo, outrora perdido no Exílio da Babilônia. Depois, no Novo Testamento, através da vida e da missão de Jesus Cristo, será observada a nova significação de templo, identificando-o com o ser humano. Ao final dos tempos, esse significado será pleno com a descida da morada de Deus lá no céu para a terra, constituindo a Nova Jerusalém. Por fim, uma hermenêutica do tema provocará reflexões que repercutem na vida e na fé cristã dos tempos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Morada, Deus, homem, Templo, Jesus

Abstract

The God of Israel is close to his people, relates to them personally, and dwells with them. Thus, this paper addresses the Dwelling of God among

* Artigo recebido em 28/08/2014 e aprovado para publicação em 04/11/2014.

** Membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém. Licenciado em Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduando em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e concluiu recentemente o curso de pós-graduação "Formadores para Vida Religiosa", no Instituto Santo Tomas de Aquino (ISTA). Contato: jack22nj@hotmail.com

men in the Bible by way of a transversal study. Starting from the Pentateuch, the period of the manifestation of God will be presented in the journey of the Israelites in the desert of Sinai to establish the "portable dwelling" where God meets his people. Verbal forms of "dwelling" and the words designating "dwelling" in the Hebrew language will be analyzed, seeking a better understanding of their meaning. Then the transition of the dwelling of God to the Temple will be presented, firstly its sedentary form, and its wider dimension independent of the Temple, after the Babylon's Exile. This study will then examine in the New Testament, through the life and mission of Jesus Christ, the new significance of temple, which is identified with the human person. At the end time, that meaning will be full as the descent of God's dwelling in heaven to earth, thus constituting the New Jerusalem. Finally, a hermeneutics of the subject will provoke reflections that impact current Christian life and faith.

KEYWORDS: Dwelling, God, Man, Temple, Jesus

1. INTRODUÇÃO

Nos relatos da criação percebemos que Deus e o ser humano caminham juntos. Uma vez seduzido pela serpente, o gênero humano livremente cai e isso acarreta consequências, dentre as quais, uma separação entre ele e Deus. Voltaria Adonai a habitar com o ser humano novamente? Como isso se desenrolaria ao longo de toda a história da salvação da humanidade? E o que isso repercute na fé cristã, sobretudo nos dias atuais?

O tema bíblico-teológico da "Morada de Deus entre os homens" também é chamado comumente de teologia da "Shekiná" (BOTTERWECK, 2004, p. 701), palavra de origem aramaica que significa morada, habitação. Mesmo com foco no Pentateuco e partindo dele, percorreremos transversalmente toda a Bíblia. Sendo um conteúdo bastante abrangente, não nos deteremos na análise das características físicas da Morada de Deus entre os homens e nem mesmo na crítica acerca da relação entre Tabernáculo e Templo que poderia resultar desse enfoque. Ao invés disso, procuraremos desenvolver a evolução do significado de morada de Deus entre os homens através da análise de termos literários e obedecendo um itinerário bíblico e histórico.

Dessa forma, inicialmente abordaremos o período da manifestação de Deus na caminhada do povo de Israel no deserto que parte do Sinai ao estabelecimento da "morada portátil" onde Deus se encontra com seu povo. Aqui, também serão analisadas as formas verbais de Deus "habitar"

bem como os termos que designam a sua morada na língua hebraica na busca de uma melhor compreensão de seu significado.

No segundo tópico focaremos a transição da morada de Deus para o Templo, sua forma sedentarizada, e posteriormente, a transição para uma dimensão mais ampla que independe do Templo, outrora perdido no Exílio da Babilônia.

Chegando ao Novo Testamento, observaremos a nova significação de templo identificando-o com o ser humano. Através da vida e da missão de Jesus Cristo iremos demonstrar como aconteceu essa mudança. Entretanto, ainda nos final dos tempos, haverá a descida da morada de Deus lá no céu para a terra culminando na plenitude de seu significado.

Por fim, faremos uma hermenêutica do tema a fim de provocar reflexões fundamentais que repercutem na vida e na fé cristã dos tempos atuais.

2. DO SINAI AO TABERNÁCULO

No Oriente Médio, para que um grupo de pessoas pudesse constituir-se como um povo, fazia-se necessário apresentar alguns elementos fundamentais como: terra, tradições específicas (legais e narrativas), rei ou um grande líder, um deus e por fim uma morada para seu(s) deus(es). No processo de formação do povo de Israel não foi diferente, uma vez que já possuía um Deus (YHWH), tradições específicas, Lei, grande líder, Moisés e posteriormente os reis. Faltava-lhe uma morada para seu Deus a fim de garantir a presença Dele no meio de seu povo, dando-lhe proteção e benefícios. Israel talvez tenha adaptado a tenda do deus El de povos vizinhos, como atesta textos ugaríticos do século XV a XIII. É tanto que o termo hebraico *mô'ed*, que significa “reunião” apresenta mesma raiz e significado na língua ugarítica (BROWN, 2007, p. 151).

Se essa foi a causa histórica da “morada de Deus entre os homens”, Israel a fundamenta teologicamente. Uma das mais importantes teofanias que se tornou pressuposto da habitação de Deus entre seu povo foi o episódio da sarça ardente, narrado em Ex 3. Deus se manifesta a Moisés no monte Horeb (Sinai) dialogando e chamando-o para desempenhar uma grande missão: libertar o povo de Israel no inimigo opressor, o Egito. Aqui a iniciativa parte de Deus, que ao ver a aflição do seu povo, tem compaixão e desce para estar junto dele (Ex 3,7s). Posteriormente também no Sinai, Moisés experimenta outra teofania e recebe as Tábuas da Lei (Ex 19–20). O Sinai é o local da presença de Deus no meio de seu povo por meio de Moisés.

Entretanto, Israel não pode parar no Sinai e deve caminhar rumo à terra que Deus lhes prometeu. Como Deus continuaria presente no meio do seu povo, uma vez que sua caminhada com ele torna-o um deus diferente dos outros povos (Ex 33,16)? Surge a partir daí a necessidade de construir uma “habitação” (heb. *miškan*) para que continuasse havendo a comunicação e a presença de Deus entre seu povo. Por ser itinerante, a habitação não deve ser fixa, uma “casa” (heb. *báyti*), mas uma tenda (heb. *’ōhel*), morada comum do povo de Israel, sobretudo por sua origem pastoril. (MACKENZIE, 2011, p. 839). Além de ser um local de encontro entre Deus e o homem, essa habitação, assim como acontecia com os outros povos, era uma réplica da morada celeste de(os) deus(es) aqui na terra.

A própria língua hebraica difere duas formas verbais para o termo “habitar”, sendo muito importante apresentar essa diferença. O primeiro verbo com raiz *yāšab* descreve uma consolidação e instalação de uma presença num local fixo (BOTTERWECK, 2004, p. 696). Ele é raramente usado para referir-se a Deus habitando na Terra, ao ponto de I Rs 8,27 enfatizar que seria impossível Deus morar (*yāšab*) na terra. Na verdade, *yāšab* é empregado para habitação de Deus referente à sua morada celeste, “residência fixa de Deus” lá nos céus. E quando se refere aqui na terra, está no sentido de Deus assentar-se no trono, entronado (II Sm 6,2; Sl 9,7; Sl 29,10; 47,8; 80,2; 99,1comp. I Rs 1,13; 2,12; 3,6; 8,25; 22,19; II Rs 19,15) enfatizando sua majestade e sua realeza ou para designar sua permanência para sempre em Jerusalém e Sião (Sl 9,11). (HARRIS, 1998, p. 1562).

O segundo verbo (*šākan*), com raiz *škn*, relaciona-se propriamente com a manifestação de Deus e sua habitação dinâmica entre seu povo, proporcionando-lhe presença protetora que ajuda e traz benefícios (Ex 25,8). Deus mora no monte Sião (Sl 74,2; 135,21), em Jerusalém (Zc 8,3). O verbo na maioria das ocorrências no AT apresenta-se no modo *qal* (111x) mostrando que a ação de habitar parte de Deus. Ele é o sujeito da ação! (BOTTERWECK, 2004, p. 696-698).

Uma vez percebendo a diferença entre esses termos, fica fácil verificar a existência de duas moradas: uma celeste com raiz *yšb* e sua réplica aqui na terra com raiz *škn*. Para reproduzir o caráter de perfeição e de sacralidade da morada celeste na terra, era a divindade que designava como deveria ser essa habitação e não os homens. Daí a importância de Deus prescrever minuciosamente como se deveria construí-la, sobretudo a Moisés, o líder (Ex 25,8; 35,1.4; 40,1,etc). (BROWN, 2007, p. 151)

Tratando-se da própria habitação agora, sem se deter a detalhes físicos¹, descritos em (Ex 25-31; 35-40) vejamos os termos utilizados bem como sua representação simbólica da presença divina no meio do povo. O termo *miškan* é comumente traduzido por “habitação” ou “tabernáculo”. Apresenta formação prefixal (*mi*) da raiz *škn* denotando “habitação”. O termo é comumente usado no antigo Oriente Médio (MACKENZIE, 2011, p. 840) sendo que nas línguas semíticas seu significado converge para “morada”, “Tenda Santuário” ou “casa”. Inclusive em textos ugaríticos, denota morada dos deuses do céu na terra, utilizando também o termo tenda paralelamente. No AT também o paralelismo entre *miškan* e *’ōhel*, “tenda”, é muito frequente (Nm 24,5; Jó 21,28; Is 54,2; Jr 30,18) para denotar morada temporária. E quando utilizados juntos (Ex 40, p. ex.) parece ter um caráter pleonástico (BOTTERVECK, 1998, p. 58-59).

Já o termo *’ōhel*, “tenda”, é bastante utilizado por Israel devido sua origem pastoril bem como ser característica própria de moradia nômade na caminhada no deserto. Em um regime sedentário, serve como estábulo de gado (II Cr 14,14) ou construída por um motivo de festa (II Sm 16,22) ou expedições militares (I Sm 17,54; II Sm 11,11) (BOTTERVECK, 1978 p.129). Para a morada de Deus entre os homens, Moisés denominou-a de tenda da reunião, do encontro (heb. *’ōhel mō’ed*) (Ex 33,7). Nela Deus se encontra com seu povo, por meio de Moisés, manifestando a sua glória (Ex 24,16; Sl 85,9.10) através da nuvem, durante o dia e o fogo durante à noite (Ex 40,30; Nm 9,15s). De fato, a presença do Senhor era sensível e ao mesmo tempo velada, uma vez que Moisés não poderia entrar na tenda enquanto a glória de Deus a enchesse. (Ex 40,35)

Ambos os termos quando acompanhados do termo hebraico *hā’ēdut*, “(d)o testemunho”, há tendência de tornar a tenda ou tabernáculo como um “relicário” ou “receptáculo” da arca (Ex 25,10ss; 37,1-9) que também acompanha a expressão resultando *’aron hā’ēdut* = “arca do testemunho” (Ex 25,16.22.33.34; 40,3.5, Js 4,16 etc) (BOTTERVECK, 1998, p. 62). Esta se tratava de uma caixa de 1m x 65 cm² onde eram depositadas as duas Tábuas da Lei e seu topo um local de encontro entre o homem e Deus. Aqui, em cima da arca, ficava o propiciatório de ouro – objeto mais sagrado na habitação onde Deus era entronizado invisivelmente se encontrando e falando com o povo através de Moisés. (BROWN, 2007, p.

¹ Há questionamentos sobre o tabernáculo ser ou não uma retrojeção do Templo de Salomão para o tempo do deserto ou ser inspirado na Tenda que Davi construiu para depositar a arca (II Sm 6,17 e 7,2). Acharnos por bem não tratar disso uma vez que deveríamos fazer um estudo mais detalhado entre os autores, detendo-se também na comparação da estrutura física de ambos. (Todos os dicionários pesquisados abordam a questão, mesmo não prolongadamente)

152). Além disso, o termo “testemunho”, também enfatiza o caráter dialogal de Deus com seu povo, pois nele seus oráculos são pronunciados a Moisés e a Aarão (Nm 17,8 – 19,22).

3. DO TABERNÁCULO AO "TEMPLO ESPIRITUAL"

Com a instalação do povo na terra de Canaã, Josué, sucessor de Moisés, edifica um altar no monte Ebal, onde ele instala a arca do testemunho contendo a cópia da lei de Moisés (Js 8,30-35) e posteriormente reúne as tribos na assembleia de Siquém, outro santuário em que também firma um testemunho entre os filhos de Israel (Js 24). No tempo dos Juízes encontramos a arca em Mispá (Jz 20,27) e por fim no santuário de Silo (I Sm 1-4). No reinado de Saul, a arca parece ser a única presença de Deus entre os homens, sendo mencionada pelo rei apenas em I Sm 14,18 enquanto que a figura do tabernáculo desaparece.

Ao conquistar Jerusalém, Davi retoma a arca da aliança dos filisteus (II Sm 6) e quer construir uma casa para Deus (II Sm 7,1-3), porém é Deus que vai construir uma casa (dinastia) para Davi. Mesmo não construindo o Templo, Davi constrói uma tenda santuário (II Sm 6,17) para acolher a arca do testemunho e Deus continuar presente no meio de Israel.

O tabernáculo é a morada, santuário ideal para Israel, uma vez que se trata de um povo nômade, errante. É a forma primitiva de santuário central de Israel. (Nm 11,24s; 12,4-10; 14,10). Entretanto, com a sedentarização, estabilidade do reinado de Salomão, houve a necessidade de fazer um templo de pedras, fixo, mesmo que fosse um risco para Israel, já que as outras civilizações gozavam dessa estrutura. Deus dá a entender que aceita esse templo (I Rs 8,10-21), mas para habitar não sua presença como os outros povos, mas apenas seu nome, uma vez que jamais o templo conteria sua presença sensível (I Rs 8,27). Por sua vez, a arca outrora instalada na tenda foi transferida para o Templo (I Rs 8,4).

Disso surge certo paradoxo de quem a habita: o Senhor ou apenas seu nome. A primeira tendência, de vertente sacerdotal, enfoca a Santidade de Deus a seu povo residindo realmente sua presença nele (Ex 40,30; Nm 9,15, etc). Possivelmente atacam contra a tentação dos Israelitas assumirem uma posição deísta e emérita de Deus, sendo a habitação apenas uma representação de sua presença. A segunda tendência, de vertente deuteronomista, enfoca apenas o nome de Deus habitando sobre a morada (Dt 12,11; 14,23; 16,2.6.11; 26,2; II Sm 6,2, etc). Possivelmente ataca contra a tentação de Israel identificar Deus com algum local (HARRIS, 1998, p. 1563).

Na linha deuteronomista, a presença de Deus é condicional e depende do comportamento de Israel (I Rs 3,12-13). Com isso, pela infidelidade do povo à lei e à justiça com práticas superficiais, no decorrer dos vários reinados de Israel, os profetas denunciam o abandono de Deus

dessa moradia e consequentemente sua destruição (Is 1,11-17; Jr 6,20; 7,9-15; Mq 3,12; Ez 10,4.18). Boa parte do povo é exilado para a Babilônia enquanto os demais veem o templo ser incendiado em 587 a.C. Na crise de fé tanto dos exilados como aqueles que ainda permaneceram na terra de Israel fez-se necessário reelaborar como Deus permaneceria presente em seu povo. Assim, no Exílio é mais plausível Deus está presente em toda parte onde reina e é adorado (Ez 11,6). Isso faz surgir um culto mais espiritual e do coração (Dt 6,4ss; Jr 31,31). Afinal, se Deus mora no céu, certamente escuta a prece de todos (Tb 3,16). Ainda em uma nova esperança de uma reconciliação, adotando agora a presença de Deus como incondicional (Ez 43,7-9), busca-se ainda uma nova morada para Deus (Is 2,1-4; Ez 40 – 48) até a reconstrução de um segundo Templo (Esd 3-6; Ag 2,1-9; Is 60,7-11) na tentativa de congregar mais uma vez o povo disperso pelo Exílio. (LEON-DUFOUR, 1972, p. 1003-1005)

4. O SER HUMANO, TEMPLO DE DEUS

Jesus apresenta um profundo respeito e sua vida perpassa pelo templo (circuncisão, apresentação e ida ao templo aos doze anos: Lc 2,22-50). Para Ele, o templo é a casa de Deus e de oração de seu Pai ao ponto de indignar-se e expulsar os vendilhões diante de práticas incompatíveis, contrárias a Deus (Mt 21,12-17p; Jo 2,16). Entretanto esse templo também será destruído por volta do ano 70 d.C. Como Deus permanecerá no meio de seu povo?

Se o Templo era o receptáculo da presença de Deus no meio do povo, em Jesus, Ele é a própria presença de Deus feito homem no meio do povo. Ele “arma e é a tenda” do encontro entre Deus e o Homem. O termo que aparece em Jo 1,14 é *eskēnōsen* do verbo *skēnoō* e significa “armar a tenda”. Percebamos que as consoantes deste verbo em grego remonta a raiz hebraica *škn*, habitação de Deus que traz benefícios e auxílio ao ser humano (cf. supra). Se outrora Moisés e posteriormente os sacerdotes eram os mediadores da manifestação de Deus entre os homens na Tenda da Reunião e no Templo, agora Jesus se configura além de tenda, como único sacerdócio e mediador entre Deus e os homens.

De fato, Jesus identifica seu corpo ao templo (Mt 23,38s) além de dar-lhe um novo significado quando afirma: “Eu destruirei este Templo feito por mãos humanas e, depois de três dias, edificarei outro, não feito por mãos humanas” (Mc 14,58b). O novo templo não será mais de pedras, feito por mão humanas como uma cópia imperfeita da morada

celeste de Deus (Sb 9,8). Mas será o próprio Deus que o construirá e o habitará permanentemente. Assim, em Jesus “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9).

Se, na terra, presente no meio de seu povo, Jesus já é mediador entre Deus e os homens, “ao deixar sua vida terrestre, Ele penetra o santuário do céu com seu sangue (Hb 4,14; 9,11-14.24; 10,19s) e unidos a Ele podemos gozar da morada celeste (Hb 6,19ss)”. Enquanto na terra, o símbolo do véu que se rasga dos Santos dos Santos aponta para uma separação entre Deus e os homens e já não existe mais (Mt 27,51p). (LEON-DUFOUR, 1972, p. 1005)

Se Jesus promete que estará sempre no meio de nós (Mt 28,20), uma vez partindo para junto do Pai, como se dará isso? Ora, com a concepção do corpo de Cristo ser agora o Templo, a morada de Deus entre os homens, uma vez estando ligados a seu corpo (1 Cor 6,15; 12,27), os cristãos serão agora o “Novo Templo, templo espiritual”. É nessa linha que Paulo insiste que cada cristão é habitação/santuário de Deus: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Cor 3,16, ver também: 2 Cor 6,18-19; 1 Cor 6,19; Rm 8,11).

Mesmo Deus habitando em nós, por meio de Jesus Cristo, os cristãos ainda continuarão sendo o receptáculo da presença de Deus, como uma cópia imperfeita de sua morada celeste. Se Jesus vai ao Pai preparar uma morada definitiva (cf. Jo 14,2s), uma cidade sólida (cf. Hb 11,10) em que “coabitarão” Deus e os homens, a plenitude da presença de Deus entre os homens se dará no fim dos tempos. A morada celeste de Deus onde, de acordo com Ap 5,6-14; 7,15, se celebra uma liturgia de oração e louvor à plenitude de Deus, descera no meio de nós. E não haverá mais duas moradas (celeste – heb. *yšb* e sua cópia terrestre – *škn*), mas uma só e definitiva, a Nova Jerusalém, morada de Deus *com* os homens (Ap 21,3).²

5. A MORADA DE DEUS ENTRE OS CRISTÃOS DE HOJE

Por meio de Jesus Cristo Deus habita entre e em nós. O Tabernáculo, a Tenda da Reunião, do Testemunho, o Templo agora somos cada um de nós. A Arca do Testemunho não seria, grosso modo, nosso “coração”, nosso interior, no qual acolhemos as Tábuas da Lei, a Palavra sempre atual de Deus (Dt 6,6)? Não seria também local onde há o objeto

² Percebamos a diferença do termo grego *en* (traduzido como “entre” em Jo 1,14; II Cor 6,16; e “em” em I Cor 3,16; Rm 8,11) para o termo *metá* traduzido como “com” onde aparece em Ap 21,3).

mais sagrado (propiciatório de ouro) em que Deus é entronizado invisivelmente, encontrando-se e falando agora diretamente conosco?³

Desse modo, como isso tem repercutido na fé cristã nos dias de hoje? Temos valorizado a presença real de Deus entre e dentro de nós? Ou muitas vezes estamos buscando Deus fora de nós, em coisas fúteis e passageiras que nos tornam seres humanos vazios e medíocres? Diante da superficialidade e da agitação dos tempos atuais, parece não se ter tempo para encontrar e conversar com Deus que já está em nós. O “templo” não é utilizado para sua finalidade e por isso torna-se tão difícil amar-nos uns aos outros como Ele nos ama bem como a Ele mesmo – os maiores mandamentos a serem seguidos.

Além disso, se somos morada de Deus, qual seria o papel das igrejas, templos no meio de nós? Isso não legitima a desvalorização das igrejas, sobrepondo, sobretudo em tempos pós-modernos, uma religião intimista, individualista e subjetiva? A palavra “igreja”, oriunda do grego *Ekklēsia* designa reunião, assembleia, congregação de pessoas. Logo, as igrejas são locais onde todos os cristãos, “templos vivos” de Deus, se reúnem para celebrar como povo, desde as primeiras comunidades cristãs, a presença real de Deus entre eles.

Portanto, a cada instante temos a chance de, no interior do “nosso tabernáculo, templo”, encontrarmos e dialogarmos com Deus, uma vez que já não mais separação entre Ele e nós. Não é à toa que em I Pd 3,15 somos chamados a santificar o Cristo em nosso coração ao ponto disso ser “a razão de nossa fé”. Assumindo isso, podemos contribuir para um mundo mais humano esperar a morada celeste de Deus, a Cidade Santa se estabelecer definitivamente no meio de nós.

CONCLUSÃO

No tema da “morada de Deus entre os homens” ao longo de toda a História da Salvação percebemos o desenvolvimento de seu significado. Vimos a importância de analisarmos diferentes termos para sua “habitação”, sobretudo as duas formas verbais de Deus habitar: no céu e no meio dos homens.

Até o Exílio as formas de habitação de Deus entre os homens, como o Tabernáculo, Tenda da Reunião e Templo, não diferiam das outras civilizações do Antigo Oriente. Foi a partir desse período que apareceu a noção mais ampla de morada de Deus como templo espiritual

³ Paulo em Rm 3,21-31 apresenta Cristo propiciatório.

independente de templo, mesmo que ainda tivesse uma esperança de sua reconstrução posteriormente. Isso fez evoluir esse conceito e dar um diferencial do povo de Israel.

Entretanto, a mudança radical do conceito se deu com a encarnação do Verbo, Jesus Cristo. Deus desce de sua habitação celeste, habita no meio dos homens e faz de seu corpo o novo Templo. Uma vez ligados a Ele, também nos tornamos Templo de Deus, o que resulta em um rompimento do véu da separação outrora existente nas antigas habitações de pedra.

Com isso, temos a oportunidade gratuita de encontrarmos e dialogarmos diretamente com Deus que já habita em nós. Assim, precisamos, como cristãos, assumirmos uma postura de respeito e cuidado uns aos outros como templos vivos de Deus. Além disso, estamos na espera de, ao final dos tempos, a morada celeste de Deus descer, a fim de Ele habitar não mais entre ou em nós, mas coabitar conosco, havendo uma só morada definitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BOTTERVECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Diccionario Teológico del Antiguo Testamento*. Vol. I. Madrid: Cristandad, 1978.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. IX. Cambridge; Michigan: Eerdmans Publishing, 1998.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. XIV. Cambridge; Michigan: Eerdmans Publishing, 2004.

BROWN, E. Raymond; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2007.

HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LÉON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Augustin. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972.

LUZ, Waldyr Carvalho. *Novo Testamento Interlinear*. São Paulo: Hagnos, 2010.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 10.ed. São Paulo: Paulus, 2011.